

A gestão da sala de aula de um professor do Ensino Superior

The classroom management of a Higher Education teacher

Robson Macedo Novais ¹, Carmen Fernandez ¹

¹ IQUSP - Instituto de Química da Universidade de São Paulo

Resumo

Nesse trabalho investigamos algumas concepções e práticas de um professor do Ensino Superior relativas à gestão de sua sala de aula no contexto de uma disciplina de Bioquímica ministrada para um grupo de alunos de um curso de Farmácia-Bioquímica de uma universidade pública paulistana. Os dados foram coletados com a realização de entrevistas semiestruturadas, registradas em áudio e vídeo, transcritas integralmente e, pela análise do planejamento de ensino do professor. Os resultados sugerem que as práticas de gestão de sala de aula realizadas por esse professor estão diretamente relacionadas com suas concepções sobre como ocorre a aprendizagem dos alunos. Suas atividades de ensino são centradas na interação entre alunos e as regras de convivência são implementadas de maneira flexível. O professor valoriza um planejamento de ensino detalhado e sistemático e constrói o ambiente necessário para que os próprios alunos se responsabilizem por sua implementação e, conseqüentemente, por sua aprendizagem.

Palavras chave: Gestão da sala de aula, Ensino Superior, Bioquímica.

Abstract

In this paper we investigate some conceptions and practices of a Higher Education teacher regarding your classroom management in the context of a discipline of Biochemistry taught to a group of students of a Pharmacy-Biochemistry at a public university in Sao Paolo. The data were collected by conducting semi-structured interviews, recorded audio and video, fully transcribed and the analysis of the teacher planning. The results suggest that management practices carried out by the classroom teacher are directly related to their conceptions about how student learning occurs. His teaching activities are focused on the interaction between students and the ground rules are implemented in a flexible manner. The teacher values a detailed and systematic planning and builds the necessary environment for the students themselves to take responsibility for its implementation and, consequently, for their learning.

Key words: Classroom Management, Higher Education, Biochemistry.

A gestão da sala de aula de um professor do Ensino Superior

Introdução

A gestão da sala de aula é um tema pouco abordado em pesquisas educacionais, mas configura uma competência fundamental do professor para o encaminhamento das aulas e para a manutenção de um ambiente propício para a aprendizagem. Trata-se de uma capacidade que engloba a gestão de conteúdos, de tempo, de espaço e de pessoas, no sentido de garantir as condições necessárias para que se realize o ensino e ocorra a aprendizagem. Doyle (1986) define duas tarefas principais do professor associadas à gestão da sala de aula: i) a gestão da classe (organização dos grupos, definição de regras, procedimentos e sanções disciplinares, articulação e sequencia das atividades, etc.) e ii) o ensino dos conteúdos do programa (cumprir o programa, motivar os alunos, selecionar e organizar os recursos, avaliar as aprendizagens, etc).

A gestão da sala de aula denota uma competência do professor associada aos seus conhecimentos pedagógicos e do contexto de ensino, e que se desenvolve através da experiência durante sua trajetória docente. A partir dessa perspectiva, as investigações sobre a gestão de sala de aula devem ser realizadas considerando os contextos reais de ensino, de onde podem emergir indícios dos principais aspectos considerados pelo professor no processo de organização e gestão de suas atividades antes e durante sua prática docente.

Nesse trabalho realizamos uma investigação qualitativa, através de um estudo de caso único, que tem por objetivo reconhecer algumas concepções e práticas de um professor, considerado competente por seus pares e alunos, sobre sua gestão da sala de aula. A coleta dos dados ocorreu no momento em que o professor ministrava aulas em uma disciplina no Ensino Superior. O destaque desse professor nas avaliações institucionais que indicaram uma significativa aceitação de suas aulas pelos alunos, articulado à sua abordagem didática diferenciada nos despertou a atenção e revelou um caso particular nesse contexto de ensino. Nesse sentido, se justificou um estudo aprofundado de aspectos de sua atuação docente, particularmente sobre sua gestão da sala de aula.

Fundamentação Teórica

A gestão da sala de aula é uma etapa fundamental para instituir a ordem, organizar as atividades de ensino e construir um ambiente que favoreça a aprendizagem dos alunos. No entanto, essa temática recebe pouca atenção nos cursos de formação de professores e nas pesquisas educacionais, particularmente no contexto do Ensino Superior, sendo uma competência desenvolvida pelo professor durante sua trajetória docente. As primeiras pesquisas sobre a organização e a gestão da sala de aula centraram-se essencialmente em questões associadas à ordem na sala de aula, não se estabelecendo uma relação direta com a construção de um ambiente adequado para o ensino e a aprendizagem (DOYLE, 1986).

No entanto, a partir da década de 80 as pesquisas ultrapassaram os limites das questões de ordem e passaram a associar a gestão da sala de aula aos processos de ensino e de aprendizagem (GAUTHIER et al., 1998). A partir dessa perspectiva, Doyle (1986) amplia esse conceito, incluindo a dimensão da aprendizagem, e concebe a gestão da sala de aula como uma atividade de carácter cognitivo que permite aos professores realizarem

antecipações que diminuam a necessidade de improvisações de forma a favorecer a aprendizagem. Para o autor, a gestão da sala de aula “*consiste num conjunto de regras e de disposições necessárias para criar e manter um ambiente ordeiro favorável tanto ao ensino como à aprendizagem*”.

Gauthier et al. (1998), destaca três dimensões fundamentais da gestão da classe presentes em pesquisas educacionais: i) o planejamento da gestão, ii) a gestão da classe em situação de interação com os alunos e iii) a avaliação e o controle das atividades de gestão da classe. A primeira dimensão refere-se ao trabalho de preparação e de planejamento que conduz a um conjunto de decisões relacionadas às regras de convivência e às rotinas de funcionamento das aulas, como por exemplo, o sequenciamento das atividades e a implementação de um planejamento de ensino. A segunda dimensão refere-se à aplicação das medidas disciplinares, das sanções, das regras e procedimentos que regem a interação entre os agentes da sala de aula. Trata-se, portanto, da supervisão do trabalho dos alunos e da condução das interações dialógicas que se estabelecem na sala de aula. A terceira dimensão refere-se à avaliação das regras, procedimentos e medidas disciplinares, portanto, configura uma atividade reflexiva do professor sobre a condução de suas aulas.

O “planejamento da gestão” é destacado pelo autor como uma etapa fundamental de preparação para o ensino, conforme afirma:

O planejamento da gestão da classe começa não somente com o trabalho de preparação, antes do início do ano letivo, mas também com a implementação e a comunicação de regras, de procedimentos, de relações e de expectativas em face dos alunos assim que o ano se inicia. (GAUTHIER et al., 1998, p.241).

Esse planejamento começa antes do início de um curso e se estabelece no decorrer das aulas, como um planejamento em ação, particularmente, quando o curso se inicia, pois esse momento é fundamental para que os agentes da sala de aula se conheçam e as regras de convivência sejam compartilhadas (GAUTHIER et al., 1998).

No âmbito do Ensino Superior, Santos (2004), ao tratar sobre o perfil do professor competente aponta a habilidade de realizar o planejamento pedagógico como uma capacidade central desse profissional que deve “[...] *ter bem claro os objetivos a serem atingidos no desenvolvimento dos conteúdos, com estratégia adequada e uma avaliação coerente com o que propôs realizar. Planeje bem suas aulas e as desenvolva com competência*” (Santos, 2004, p. 105)”. Cunha (2009) evoca o conceito de “*Gestão participativa*” da sala de aula como uma característica de experiências inovadoras no Ensino Superior. Nesse processo, os sujeitos envolvidos participam da gestão da sala de aula, desde a concepção de um planejamento para o ensino até a análise dos resultados, em que “[...] *há uma quebra com a estrutura vertical de poder responsabilizando o coletivo do processo de ensino e aprendizagem pelas propostas formuladas.*” (p. 224)”.

Trajetória metodológica:

O professor investigado é biólogo (Bacharel e Licenciado), possui doutorado em Ciências Biológicas e pós-doutorado em Bioquímica. Atua como professor de Bioquímica no Ensino Superior há mais de 40 anos e é reconhecido por seus pares e alunos como um professor competente. Há mais de 20 anos é coordenador e professor de uma disciplina de Bioquímica básica oferecida anualmente aos alunos do primeiro ano do curso de Farmácia-Bioquímica de uma universidade paulistana. Esse professor tem se destacado por anos seguidos na avaliação institucional realizada ao final de cada semestre, na qual os alunos

avaliam seus professores por intermédio de um questionário.

Os dados foram coletados a partir da atuação do professor em sua disciplina de Bioquímica básica, integrada por vinte e cinco alunos e cujo objetivo é proporcionar uma visão global dos princípios gerais da Bioquímica. A disciplina foi estruturada a partir de duas estratégias de ensino centrais, a saber: i) os “Períodos de Estudos - PE -” e ii) os “Grupos de Discussão - GD -”. Nos PEs, os alunos se reúnem em grupos de cinco integrantes para responderem um conjunto de questões sobre os principais conceitos e informações relacionadas a um tema da aula. Essas questões foram disponibilizadas na apostila da disciplina entregue no início do curso e foram respondidas com o apoio do livro didático entregue pelo professor para cada aluno no início do curso. Um PE é realizado em um período médio de quatro horas. Os GDs são realizados com todos os alunos, organizados em roda. No GD são discutidos problemas que articulam as informações e os conceitos abordados no PE. Tais questões são disponibilizadas na apostila ou retiradas do livro texto. Cada GD é realizado em um período médio de quatro horas.

A coleta de dados foi feita com a realização de quatro entrevistas semiestruturadas que foram registradas em áudio e vídeo e integralmente transcritas. Também foi utilizado como fonte de dados o planejamento de ensino elaborado pelo professor para essa disciplina. As entrevistas pretendiam mobilizar as narrativas do professor sobre seu conhecimento e experiências sobre: i) os propósitos e objetivos para o ensino, ii) os alunos e suas compreensões, iii) as estratégias de ensino e iv) o currículo; considerando a disciplina de Bioquímica ministrada para uma turma do curso de Farmácia-Bioquímica no segundo semestre de 2011. A partir da análise das entrevistas e do planejamento de ensino construímos unidades de significados que nos possibilitou realizar a análise dos dados e elaborar inferências sobre as concepções e as práticas do professor associadas à gestão da sala de aula.

Resultados e discussão

“Primeiro uma organização muito detalhada [...]”.

Nosso professor aponta o planejamento do ensino como uma etapa fundamental de sua prática:

Primeiro uma organização muito detalhada e muito minuciosa do roteiro que serve para os períodos de estudo e dos problemas que vão orientar as discussões. Isso é muito trabalhoso de fazer. É extremamente trabalhoso. E isso é necessário, tá aqui, está pronto, dia dois de agosto começaremos, ou três de agosto, não sei. Então aqui tem todo o roteiro do curso, item por item, o que vai ser feito, o que vai ser discutido em cada dia, o calendário, enfim, isso é muito trabalhoso. Fundamentalmente esse é o material.

No trecho o professor revela a importância atribuída a esse processo pelo professor. Esse planejamento contempla: i) a equipe de docentes e monitores, ii) o programa resumido do curso, iii) uma sugestão de bibliografia para o curso, iv) a indicação de websites com softwares para o aprofundamento dos estudos, v) uma descrição sobre as principais atividades de ensino e os critérios de avaliação, vi) um calendário com a programação dos conteúdos e atividades que serão realizadas em cada aula, vii) um roteiro de estudos para cada matéria, com as questões e problemas para a realização dos PEs e GDs, e viii) alguns apêndices.

Trata-se, portanto, de um planejamento detalhado e sistemático que pretende antecipar as etapas que o professor elegeu para orientar o seu ensino. Esse planejamento é compartilhado com os alunos no primeiro dia de aula, em que cada um deles recebe uma cópia no formato de uma apostila. Nesse dia, o professor apresenta sua abordagem de ensino,

esclarece dúvidas e inicia as atividades de ensino. Dessa forma, os alunos podem ter uma visão geral do curso e as matérias e atividades que estão programadas para cada dia de aula. No início do curso o professor costuma estar mais atento ao grupo, pois se trata de um momento de adaptação e incorporação das estratégias de ensino adotadas na disciplina. No entanto, à medida que os alunos incorporam a dinâmica das aulas e se tornam mais autônomos o professor passa a interferir cada vez menos no processo de aprendizagem.

“[...] escolha principal que eu tenho que fazer é a seleção do conteúdo”.

O calendário das aulas é ajustado em função do andamento da disciplina e se os alunos avançam para além do proposto, o professor prossegue na abordagem das matérias seguintes. A seguir apresentamos um recorte do calendário disponibilizado pelo professor em seu planejamento de ensino, no qual ele propõe um período estimado para abordar um conjunto de matérias.

Mês	Dia/*período	Atividade e Matéria
AGOSTO	02 (tarde)	PE - Aminoácidos – Objetivos de 1 a 6.
	04 (manhã)	GD – Aminoácidos – Problemas 1 a 6.
	04 (tarde)	PE - Proteínas Parte I– Objetivos 1 a 11. Seminário 1: Peptídios antimicrobianos
	09 (tarde)	GD - Proteínas Parte I– Problemas 5, 6 e 9-13.
	11 (manhã)	PE – Proteínas Parte II – Objetivos de 1 a 8.
	11 (manhã)	GD – Proteínas Parte II Problemas 1, 3 e 4. Provinha 1.

Quadro 1. Recorte do calendário de matérias e atividades extraído do planejamento de ensino. * Cada período é composto por quatro horas de aulas.

Nesse recorte, apresentamos uma programação para o ensino de duas matérias, a saber: i) aminoácidos e ii) proteínas. Como pode ser observado o tempo disponível para a abordagem de cada matéria é variado. Para abordar a matéria “aminoácidos” o professor sugere dois períodos e para abordar “proteínas” sugere quatro períodos. Definir o tempo necessário para a abordagem de cada matéria requer do professor o conhecimento sobre a quantidade de assuntos associados a cada matéria, as estratégias utilizadas e o estágio de desenvolvimento dos estudantes. No trecho a seguir, o professor trata sobre o tempo que disponibiliza para o ensino e o estudo das matérias:

Então, como a gente subverte esse princípio, e na verdade o que a gente faz é que eles estudam e aprendam durante o tempo de aula, então a contabilidade é outra. Eu não posso comparar duas horas de aula expositiva com duas horas de estudo e discussão. Porque aí eu tinha que comparar duas horas de aula expositiva mais o tempo que eles vão estudar em casa, no fim de semana, pra isso completar o Quadro, senão eu to fazendo conta errada, não é? Então, mas de qualquer maneira, o que vai decidir é o tempo que eu disponho da disciplina, e, portanto, dentro da estratégia que eu acho que é apropriada, que vai desenvolver as competências, as habilidades que a gente quer desenvolver, além da informação, o que cabe aí dentro e o que não cabe.

Para ele é fundamental que os estudos sejam realizados durante as aulas, pois isso possibilitará a interação entre os alunos, o que para o professor é uma oportunidade para que eles desenvolvam “*as competências e habilidades*”, que estão diretamente relacionadas com as duas principais estratégias de ensino propostas na disciplina, os PEs e os GDs. Ao tratar sobre essas estratégias o professor ressalta “[...] *que desenvolver a habilidade de trabalhar em grupo, expondo suas ideias e ouvindo seus colegas é de extrema importância não só no aprendizado, mas também na futura vida profissional de cada um.* (PLANEJAMENTO DE ENSINO, p. 4)”.

No entanto, de acordo com o professor a opção por uma abordagem centrada no trabalho em grupo requer um maior tempo para o estudo na sala de aula e isso implica diretamente na seleção dos conteúdos:

Eu acho que a escolha principal que eu tenho que fazer é a seleção do conteúdo. [...] se eu olho todo o tempo disponível, o que cabe dentro desse tempo está absolutamente subordinado à estratégia de ensino que eu vou usar. Claro que a exposição pura e simples é um método muito econômico de dar informação, né? Eu brinquei com você outro dia, que eu uso quatro horas, seis horas, pra dar o ciclo de Krebs, e em seis horas de aula expositiva você dá muito mais do que isso.

A opção por estratégias de ensino que favoreçam a interação entre os agentes da sala de aula sugere que a abordagem do professor não prioriza o ensino de conteúdos conceituais e corrobora com seu propósito de que os alunos desenvolvam competências e habilidades. Outro aspecto que se destaca na abordagem do professor é a organização das atividades de ensino, que iniciam com o PE, prosseguem com o GD, e ao final de um ciclo de matérias os alunos realizam uma “*Provinha*”, que para o professor “*é uma estratégia de aprendizagem, não é uma avaliação do que eles já sabem. É uma forma de eles aprenderem*”. Essa estrutura se conserva durante toda a disciplina, sendo interrompida apenas para a aplicação de uma das três avaliações oficiais propostas na disciplina.

“Precisa sim, e de um espaço adequado [...]”.

O trabalho em grupo também requer um espaço e uma infraestrutura adequada, pois os alunos precisam se organizar em grupos e transitar pela sala de aula.

Precisa sim, e de um espaço adequado, ou seja, se eu tiver um anfiteatro com cadeiras fixas, por exemplo, fica muito incômodo, muito incômodo, porque como eles vão estudar em grupos de cinco, é conveniente que eles estejam em rodinha, um vendo o outro, um falando com o outro. E se eles vão fazer um grupo de discussão com vinte, vinte e cinco alunos, é a mesma coisa. Eles precisam estar em roda pra discutir. Não dá pra discutir sentado como no cinema.

Assim, para que os PEs e os GDs sejam realizados é importante que as cadeiras possam ser movimentadas na sala e que a turma não seja composta por um número elevado de alunos. O professor destaca também, que é “*imprescindível nesse tipo de trabalho, eles terem a literatura, eles terem o que ler, isso é necessário, senão você não pode fazer o período de estudos*”.

“Os recursos humanos são fundamentais [...]”.

O contexto onde se fará a aprendizagem é um elemento considerado pelo professor na definição de suas estratégias, pois para que as atividades sejam realizadas e alcancem seus propósitos é fundamental que existam as condições estruturais e os recursos humanos necessários.

Os recursos humanos são fundamentais, porque a razão professor-aluno aí é alta. Pra seguir essa estratégia, tipicamente esse, quanto mais ativa a aprendizagem, ou a estratégia de aprendizagem, maior a razão professor-aluno necessária, né? Porque claro, se eu tenho uma aula classicamente expositiva, eu posso dar uma aula pra cem alunos, desde que eu tenha um microfone e local adequado, eu falo a mesma coisa e os alunos ouvem. Eu não posso usar essa estratégia com cem alunos. Porque eu não posso fazer vinte grupos com cinco alunos e orientar o trabalho desses vinte. Não é possível. Então, a razão professor-aluno tem que ser muito mais alta.

O professor destaca ainda que sua abordagem requer a interação entre o professor e os alunos e, por isso, turmas numerosas dificultam sua implementação. Para proporcionar mais momentos de interação e ajuda aos alunos o professor conta com o apoio de monitores que são treinados para acompanhar as aulas:

É ótima a presença deles é ótima sob todos os aspectos. É ótimo pra nos auxiliar, porque os alunos que estão estudando são sempre bem atendidos, tem sempre alguém disponível, ou seja, se eles têm alguma dúvida, se eles querem discutir alguma coisa, eles não ficam esperando, tem sempre alguém disponível. Se eu não estou, o monitor está. [...] Então eu tenho reunião semanal com eles de duas a quatro horas, que é todos os itens que vão ser discutidos no período de estudo, todos os itens que vão ser discutidos no grupo de discussão são previamente discutidos entre eles, pra que eles se familiarizem e possam orientar os colegas, né?

Os monitores também colaboram com a correção das provinhas e das provas aplicadas durante a disciplina e são recursos humanos importantes no processo de gestão da sala de aula.

“[...] não é pertinente exigir dele (aluno) uma rigidez de postura”.

Durante os PEs os alunos ficam livres para saírem da sala e realizarem suas atividades no ritmo que lhes seja conveniente. O professor revela lidar com seu público alvo de maneira flexível e busca criar um clima agradável para aprendizagem, conforme afirma: *“Então, eu acho que não é pertinente exigir dele uma rigidez de postura. Diferenciando o que é seriedade de austeridade: o indivíduo pode fazer uma tarefa com muita seriedade, mas ele não precisa ter aquela cara de quem tá fazendo a coisa mais importante do mundo. Isso pode ser leve, alegre, e tudo mais”.*

O professor revela ter conhecimento sobre as características de seu público alvo, que são jovens e adolescentes, e por isso não exige uma postura rígida de seus alunos. Para ele, uma postura com mais flexibilidade não implica em falta de seriedade nem do docente e nem dos alunos e que a estrutura da disciplina possibilita que os alunos conheçam a dinâmica das aulas e se responsabilizem por sua aprendizagem:

Até pela estrutura da disciplina ou outras como a nossa, são muito mais frouxas, são muito mais permissivas. E quando eu digo permissiva quero dizer, transfere grande parte dessa responsabilidade para os alunos, não fecho a porta às 8h05, então os alunos chegam à hora que eles querem e saem à hora em que querem, mas a estrutura da disciplina traz uma responsabilidade, porque eles sabem que se eles não estudarem ali, eles não vão acompanhar a discussão.

Da mesma maneira o professor lida com o controle da frequência nas aulas:

[...] você viu a gente não tem lista de presença ou tem uma lista de presença informal, onde eles percebem que aquilo não vai ter nenhuma influencia no

rendimento deles, não vai ser cobrado efetivamente e todos vinham, quer dizer, quando eles não vêm é uma exceção, uma coisa pontual, mas em princípio você vê que estavam todos lá todos os dias. E por que eles vinham? Porque eles percebem que vale a pena.

No trecho, ele demonstra ser bastante flexível com o controle da frequência dos alunos e mesmo assim, de acordo com ele, poucos faltam às aulas. Para o professor, isso se deve ao fato de que os alunos reconhecem a importância de participar das aulas e esse pode ser um indicativo de que abordagem proposta na disciplina é aprovada pelos alunos.

Considerações Finais

Nessa investigação foi possível reconhecer que esse professor realiza a gestão da sala de aula considerando: i) suas estratégias de ensino, ii) a elaboração de roteiros de estudos para os alunos, iii) o sequenciamento estratégico de suas atividades, iv) a organização dos alunos na sala de aula e v) os recursos humanos e materiais disponíveis para o ensino. Ele enfatiza a importância de um planejamento de ensino detalhado e apresenta uma organização de atividades sistemática baseada na tríade PE, GD e Provinha; o que constitui um núcleo central de atividades que direcionam o ensino. A comunicação parece ser um componente fundamental na gestão da sala de aula, pois o professor disponibiliza seu planejamento de ensino para os alunos, no qual indica seus objetivos e estratégias de ensino e revela ser bastante flexível com as regras de convivência na sala de aula. Sua valorização ao planejamento de ensino e a maneira como conduz suas aulas sugere que um de seus objetivos é criar as condições necessárias para que os próprios alunos implementem esse planejamento e ao professor cabe o papel de supervisionar esse processo. No caso desse estudo, a gestão da sala de aula parece estar associada à concepção do professor de como os alunos aprendem e de suas intenções para o ensino. Sua ênfase em atividades que proporcionem a interação entre os agentes da sala de aula sugerem que, para ele, a aprendizagem é favorecida pela interação entre os alunos. Sugere também que a aprendizagem é um processo gradativo, pois os alunos se aproximam dos conceitos fundamentais no PE, resolvem problemas inter-relacionando tais conceitos nos GDS e, por fim, sintetizam e registram suas compreensões nas provinhas. De acordo com ele, a opção por estratégias de ensino centradas nos alunos implica diretamente na seleção dos conteúdos para o ensino e depende de algumas variáveis, como: i) um número reduzido de alunos, ii) um espaço adequado para o ensino, iii) apoio de monitores e iv) material didático para todos os alunos.

Referências

- DOYLE, W. Classroom organization and management. In: M. C. WITTROCK. **Handbook of research on teaching**. New York: Macmillan, 1986, 3 ed, p. 392-431.
- GAUTHIER, C. et al. **Por uma Teoria da Pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí (RS): Unijuí, 1998, 480p.
- CUNHA, M. I. Inovações pedagógicas: o desafio da reconfiguração de saberes na Docência Universitária, 2009. In: ALMEIDA, M. Isabel; PIMENTA, Garrido, Selma (orgs). **Pedagogia Universitária**. São Paulo: Editora USP, 2009, p. 211-235.
- SANTOS, C. R; Princípios éticos e comportamento moral do professor competente. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Recife, v. 20, n 2, 82-115, 2004.